

A LITERATURA NOS LIMITES DO CORPO. O CORPO MATÉRIA E A PRÁTICA ESCATOLÓGICA DA ESCRITURA A PARTIR DE BATAILLE

Eduardo Jorge de Oliveira

RESUMO: Para um percurso para a leitura do corpo matéria a partir de Georges Bataille, apresentamos alguns verbetes por ele escritos nos anos de 1929 e 1930 para a revista *Documents*. Desses verbetes, serão apresentados e discutidos três: “boca”, “informe” e “metamorfose”. Neste último, os limites do corpo humano tocam a descontinuidade de outros corpos, especificamente o do animal. A partir da leitura dos verbetes de Bataille, a questão que este ensaio aponta é se a constituição do “informe” e do corpo matéria em contínua transformação apagam ou rasuram o campo hermético pela fragilização da representação. Haveria como o corpo entrar em cena na escritura e evocar uma presença em um lugar privilegiado da ausência e da falta?

*

A hipótese com a qual se inicia uma leitura de Georges Bataille (1897-1982) parte de uma dupla suspeita: 1. onde reside uma presença ostensiva do corpo haveria um esvaziamento hermenêutico no texto literário e, por conseguinte, uma instabilidade no que diz respeito à sua representação; 2. onde se situaria a constituição de um campo hermenêutico em um texto literário, haveria uma ênfase no corpo enquanto representação, isto é, enquanto discurso que fragiliza uma presença. Assim, para iniciar uma leitura de Bataille, a dúvida frente a esses aspectos surgiu do contato da leitura pontual de *Il pensiero debole* – organizado por Gianni Vattimo (1936) e Aldo Rovatti (1942) – feita por Silvina Rodrigues Lopes. Nessa leitura, Silvina conclui que a hermenêutica seria uma secularização da metafísica. Então, é nesse aspecto que a obra de Georges Bataille apresenta um conflito com esse estatuto ontológico do texto. Em linhas gerais, a expectativa desse trabalho talvez consista na apresentação de um oxímoro, pois toda sua fundamentação se baseia numa falta

de fundamentação do pensamento em relação ao corpo na literatura a partir de Georges Bataille.

Na literatura, esse *pensiero debole* não encontraria uma ressonância com aquilo que Georges Bataille chamou de “heterologia” ou, dito de um modo mais direto, um “não-saber”? Em 12 de janeiro de 1951, Bataille faz uma conferência intitulada “As consequências do não-saber”. A conferência aborda inicialmente a questão da redução de um domínio desconhecido ao domínio conhecido, que é um dos pontos em voga em *A experiência interior*: “só posso conhecer o conhecível”. Sem dúvida, é isso que leva Bataille a realizar uma operação crítica em relação ao corpo na literatura, ou seja, a efetuar a abertura do corpo ao instante, bem como um modo de viver sensivelmente nesse instante, o que lhe fornecerá subsídios para o ensaio “A animalidade”, em *Teoria da religião*. Além da animalidade, que se instaura enquanto imanência – e daí vemos um choque com a metafísica secularizada – esse “não-saber” seria algo ligado a dois pontos que fisiologicamente provocam uma suspensão do pensamento segundo Bataille: o riso e as lágrimas. Esse conjunto de noções, a animalidade, o riso e as lágrimas, seria, assim, uma forma de “recuperar o instante presente”, que é um modo decorrente da leitura de Marcel Proust, onde Bataille enfatiza essa recuperação do instante presente, em vários textos e ensaios, mas essa leitura de Proust é mais precisa em *A literatura e o mal*.

Bataille anotou em *A literatura e o mal* que a literatura teria uma irresponsabilidade, algo que a tornaria inorgânica e que nada se apoia nela, pois ela pode dizer tudo, ou um discurso coerente não pode dar conta da literatura (BATAILLE, 1989) e, ainda, pouco importa a representação dada da “outra coisa” que seria aquilo a qual o ser se perde. Por isso, Bataille fala de um não-saber, porque uma relação cognitiva pautada na operação positiva do saber implica numa clara separação entre sujeito e objeto. Existiria um *pathos*, um excesso, um transbordamento, uma intensidade onde se experimenta a intensidade do instante presente. Seria nesse instante trágico que existe um encantamento, pois para Bataille a tragédia é o signo do encantamento (Ibid.). Assim, a reprodução e a morte seriam dois aspectos revigorantes da metamorfose que regula a imortalidade da vida, condicionando o instante sempre novo. Talvez por isso, Gianni Vattimo, em “Dialética, diferença e pensamento frágil” utilize justamente uma palavra para falar da finitude, da mortalidade e da caducidade: *pietas*. Essa palavra faz parte, segundo o pensador, de uma ontologia débil,

fraca, que sustenta “uma semelhante transformação no modo de pensar os rasgos fundamentais do ser” (VATTIMO, 1983, p. 33-34). Bataille, por sua vez, quando fala de um ser que se perde, parece se aproximar de Vattimo no aspecto da fusão, onde o pensamento leva a cabo uma *des-fundamentação* (VATTIMO, 1983). Essa des-fundamentação se realizaria para Bataille numa força heterológica que não é assimilável pelo conhecimento científico fundado sobre o princípio da utilização racional dos bens e por uma moral apropriativa do trabalho que é composto de modo homogêneo e sucessivo pela acumulação. O que Bataille faz em sua prática escritural e em diversos ensaios é redimensionar esses aspectos em uma cadeia que não pode se restringir ao logicamente explicável. Ele incorpora os acidentes da matéria, suas metamorfoses. Ou seja, junto a esse conhecimento científico ele aborda a natureza improdutiva, o gasto, aquilo que é inútil. E frente a essa acumulação de princípio homogêneo, ele leva em conta os aspectos destrutivos, uma espécie de fase excrementária, se seguirmos a leitura de Lina Franco em *Georges Bataille: le corps fictionnel* (2005). Isso implica num movimento de fragilização da representação, ao nexos e à legitimação, porque o gesto de Bataille para fragilizá-los precisa deles para compor uma prática do pensamento que passa pelo oxímoro. Esse oxímoro não existiria se, nesse projeto, a hermenêutica se fizesse incessantemente uma heurística e, embora ambos se complementem, em linhas gerais, o que poderia ser enfatizado dessa relação seria uma representação falha e um trabalho incessante do gasto (*dépense, gaspillage*), sobretudo em relação ao texto, fazendo do corpo uma economia erótica e impossível, pois esse erotismo passa pela transgressão¹ dilaceramento e uma matéria em contínua transformação. Ou seja, enquanto economia tradicional erótica, ela é improdutiva até mesmo para uma erotização conciliatória. Enfim, os corpos não se esgotam como na economia libidinal fisiológica.

Prosseguindo nessa dimensão do oxímoro, em “La polarité humaine...”, pequeno texto que integra o “dossiê Heterologia”, Bataille fala que a polaridade humana não se apresenta como um fato novo nesse sentido de que nada é mais comum nos julgamentos de valor do que a classificação de fatos em altos e baixos, sagrados e profanos. Mas a tendência prevaleceu de identificar o alto com o sagrado, baixo ao profano e isso resultou um quadro ininteligível (BATAILLE, 1970). E daí observamos que, nessas dicotomias, Bataille, em sua prática escritural, altera essas polaridades, sacralizando o baixo e/ou

profanando o alto. Em linhas gerais, essa prática pode ser constatada em uma leitura de *História do olho*, obra ficcional do autor, publicada em 1928, sob o pseudônimo de Lord Auch. O excesso, o *pathos* de vários trechos de profanação do corpo e sagração dos excrementos compõem toda a narrativa, que implica em vários episódios de enucleação, como a de um toureiro (Granero) pelo touro, de um padre pelo narrador e por Simone, personagens de *História do olho*. Bataille, aqui pelo viés paródico e erótico, não desarticulária a clássica cena de auto-enucleação de Édipo, onde os olhos arrancados não implicariam num desrrazoamento do corpo, cuja privilegiada fonte de saber não seriam os próprios olhos? O não-saber de Bataille não implicaria em olhar para o mundo como paródia pura, como ele escreveu em *O ânus solar*, onde cada uma das coisas que olhamos é paródia da outra (BATAILLE, 2007)?

Essa paródia pura não implicaria numa passagem do olho ao ovo, da brancura do leite ao glóbulo do olho, da cegueira à escuridão das glândulas do corpo ou toda uma retórica do fluxo (de sangue, de gozo, de leite, de urina), para trazer algumas imagens de *História do olho*. Ou ainda, em outro procedimento paródico, como no romance *Minha mãe*, onde o ato de dormir com mãe não implica numa constituição do trágico em termos de punição ou interdito, mas um limite do corpo na literatura, quando o narrador diz: “quero de você o prazer inominável que me oferece, *nomeando-o*” (BATAILLE, 1985 p. 66). Enfim, bom ressaltar que as narrativas de Bataille não teriam como “função” uma ilustração do seu pensamento, mas ficção e pensamento se interrelacionam nesse saber heterogêneo que engloba o corpo como forma de enfraquecer os limites da representação. E daí sustentamos a dúvida: isso, efetivamente, acontece? Como existe um jogo de força dos contrários, a representação acaba sendo utilizada por Bataille, no entanto, mais por um viés paródico, um jogo de opostos que visa desarticular a lógica e o saber homogêneo, acumulável e conhecível. Pois mesmo em um jogo heurístico, é preciso trazer mais uma vez a leitura de Vattimo feita por Silvina Rodrigues Lopes, que implica em admitir que é preciso, ainda, considerar a hermenêutica como uma invenção de novos discursos, admitindo um confronto de interpretações (LOPES, 1994). Assim, frente a toda a erotização do corpo, que implica no seu dilaceramento e profanação, a narrativa de Bataille está intrinsicamente ligada à narrativa hagiográfica, como se o hipercorpo divino seguisse numa erotização contínua. É nessa erotização que a metamorfose acontece. O que para a

tradição hagiográfica seria “provação”, para Bataille seria experiência, como enfatiza Georges Didi-Huberman, em “A paixão do visível segundo Georges Bataille”, pois a abjeção faz parte da prática escatológica cristã. Hermenêutica e hagiografia são parodiadas por Bataille incessantemente em sua prática escritural. Assim, o trágico é paródico porque é cômico. “O riso é mais divino, e até mais inacessível que as lágrimas” (BATAILLE, 1985, p. 47), escreveu o autor em *Minha mãe*. Porém, talvez todas essas delimitações de riso e choro, de sagrado e profano, nos levem a uma didática difícil de aplicar à obra de Bataille, pois no meio de tudo isso existe uma angústia, ou, como proferiu Bataille, uma “*maladie constitutionnelle de l’homme*”, isto é, uma doença da qual o homem sofre e da qual ele procura constantemente escapar (DIDI-HUBERMAN, 1985). Segundo Didi-Huberman:

O que Bataille operou, no fundo de sua própria “*maladie constitutionnelle*”, o seu cristianismo, foi, estritamente um trabalho de *interpretação*: ele interpretou o cristianismo no sentido em que o retomou, redramatizou, produzindo uma extraordinária paródia da qual não se sabe nunca – e esta é sua qualidade – se foi involuntária ou antes sofrida, trágica ou antes cômica. Por outro lado, Bataille interpreta o cristianismo num outro sentido: ele *torna-o visível* para nós, para além de todos os limites da simples razão. Ele desmonta as inconfessáveis anatomias da imagem cristã, mostrando através disso a sua mais íntima eficácia fantasmática. Lição incomparável de método, mesmo se o método é paradoxal e, *praticamente*, votado ao fracasso (Ibid., p.15).

Esse gesto de tornar visível para além da razão é agônico como as incessantes transformações da matéria aquilo que está sempre se modificando em torno da imortalidade da vida. Milagre e acidente coexistem na economia libidinal dos corpos enquanto texto. Nesse aspecto, Georges Bataille não profere um discurso sobre o corpo, mas o corpo é um elemento mutável em sua obra, é matéria viva mas sempre em vias de destituir-se de sua *ipseidade*. Ponto forte em *A experiência interior*:

O eu não tem importância nenhuma. Para um leitor, sou um ser qualquer: nome, identidade, histórico não mudam nada. Ele (leitor) é alguém, e eu (autor) também o sou. Ele e eu somos sem nome, saídos do... sem nome, para este... sem nome como são para o deserto dois grãos de areia, ou

para um mar duas ondas se perdendo nas ondas vizinhas (BATAILLE, 1992, p. 57).

Mesmo que o narrador seja em primeira pessoa, o “eu” está deslocado por conta das metamorfoses contínuas, por conta de uma palavra-chave para Bataille: alteração. Essa palavra é suma importância para o pensamento de Georges Bataille e, por consequência, para as operações críticas de Georges Didi-Huberman, onde esta “alteração” é uma palavra que avança, segundo sua leitura, em *La ressemblance informe*, passando por expressões tais como “metamorfose”, “vai-e-vem” ou “repercussão” das formas: “É assim que se chega a uma *alteração*. É esta palavra que o situa em uma dialética das formas. É com ela que Bataille chega ao movimento de alteração das formas para chegar até uma alteração do sujeito” (DIDI-HUBERMAN, 2005, p. 261). Essa alteração do sujeito, que é um processo morfológico do corpo matéria, desestabilizaria a normatividade da gramática, da lógica e da metafísica.

É aqui que compreendemos que uma *debilidade* do pensamento de Bataille implica em uma ética de um limite, mas um limite do útil. O corpo em sua dimensão material é destituído de idealismo, de “deve-ser”, de um “deveria”, e isso diferencia claramente Bataille dos materialistas históricos ou um materialismo ontológico, por exemplo. O que faz de Bataille uma espécie de materialista sem fundamento, mais viscoso, menos estruturado. A ética precária do corpo assume na heterologia de Bataille um “valor de uso do impossível”, como pontua Denis Hollier ao prefaciar a edição fac-similar da revista *Documents*, que foi editada originalmente nos anos de 1929 e 1930. A revista contou, sobretudo, com Carl Einstein, Michel Leiris e o próprio Georges Bataille.

No artigo “O espírito moderno e o jogo das transposições”, Bataille precisa esse uso impossível do corpo: onde se entra numa galeria de arte como numa farmácia em busca de remédios bem apresentados para doenças inconfessáveis (BATAILLE, 1930). Assim, o corpo enquanto presença desorganizaria um discurso lógico e acumulativo do saber, que implica numa forma de apagar as mais baixas necessidades animais do homem ou, ainda, que seja suas “doenças inconfessáveis”. De modo mais preciso, situamos o verbete “Metamorfose”, publicado em novembro de 1929, na edição de número 6 da *Documents*. No referido verbete, Bataille fala de uma obsessão de metamorfose como uma necessidade

que se confunde com nossas necessidades animais (BATAILLE, 1994). Provavelmente, essa necessidade estaria voltada para aquele desvio para a incognoscibilidade feito pela poesia, mas também pela heterologia da ficção batailliana. Essa ficção tanto lida com o impossível quanto com o insuficiente. Não há um consenso, um objetivo. Pelo contrário, como afirmou Silvina Rodrigues Lopes “o anti-messianismo, ou reconhecimento da insuficiência de qualquer ficção, garante a pluralidade de ficções” (LOPES, 1994, p. 95). É diante do princípio de insuficiência do ficcional que o impossível age como um conjunto de forças que, ao explorar os limites físicos do corpo, o leva aos extremos. Como escreveu Bataille na introdução de *O erotismo*: “somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temo a nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, 1989, p 15). Essa é a tensão, talvez a doença da qual o homem tenta escapar e o fruto de toda a necessidade de metamorfose à qual o corpo está ligado, afinal, “nós sofremos com nosso isolamento na individualidade descontínua”, prossegue Bataille (Ibid., p. 19). Nesse ponto, existe um paradoxo que permanece sem resolução. Em termos mais direcionados a esse paradoxo na literatura, Silvina Rodrigues Lopes aborda uma oposição que é abalada por uma tensão constante, que é a oposição entre continuidade e descontinuidade:

é abalar a oposição entre continuidade e descontinuidade, sabendo não só que ela é inevitável pois nenhum dos termos que a compõem pode ser pensado fora dessa oposição, mas que ela é também insustentável, dado que, por um lado, não se pode conceber o descontínuo, o absolutamente outro, e, por outro, a continuidade absoluta seria a anulação do tempo, por conseguinte, da vida enquanto metamorfose (LOPES, 1994, p. 20).

Existe uma interrelação entre continuidade e descontinuidade no corpo físico que, no pensamento e na ficção de Bataille, se encaminha para a abjeção e para a escatologia, mas esse baixo materialismo do corpo, expurgado pela linguagem em situações de limpeza verbal, mais se valem para desorganizar o pensamento lógico e positivo para, enfim, enfraquecer a representação do corpo enquanto uma situação metafórica, *topoi*. São incertezas que não asseguram uma interpretação. Por fim, tomando o que afirmou Susan Sontag em *Contra a interpretação* “em vez de uma hermenêutica, precisaríamos de uma

erótica da arte” (SONTAG, 1987, p. 23), mas, mais que substituir um pelo outro, a tarefa mais complicada nesse momento é sustentar, sem fundamentação, o paradoxo entre o campo hermenêutico e o erótico. Enfim, como operar criticamente com uma dupla insuficiência: a do corpo e a da ficção senão pelo viés de suas contínuas metamorfoses, que seria um dos modos de pensar o corpo na literatura.

*

EDUARDO JORGE

É doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com estágio doutoral na École Normale Supérieure – L’ENS, Paris. É autor de *San Pedro* (2004), *Espaçaria* (2007), *Caderno do estudante de luz* (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *História do olho*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- _____. *O ânus solar (e outros textos do sol)*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.
- _____. *A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Van Gogh*. Lisboa: Hiena, 1994.
- _____. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Minha mãe*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989a.
- _____. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1989b.
- _____. *Œuvres complètes*. Tome I. Paris: Gallimard, 1970c.
- _____. *Œuvres complètes* Tome II. Paris: Gallimard, 1970a.
- _____. Les conséquences du non-savoir. In: *Œuvres complètes*. Tome VIII. Paris: Gallimard, 1970b, p. 51-57.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A paixão do visível segundo Georges Bataille. In: *Revista de Linguagem e Comunicação*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1987.
- _____. *La ressemblance informe ou le gai savoir selon Georges Bataille*. Paris: Macula, 1995.
- DOCUMENTS (Vol. I et II). Les Cahiers de GrandHiva/Bibliothèque du Musée de l'homme. Paris: Jean-Michel Place, 1991.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: *Ditos e escritos III*. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 28-46.
- FRANCO, Lina. *Georges Bataille: le corps fictionnel*. Paris: L'Harmattan, 2004.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *A legitimação em literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- ROVATTI, Pier Aldo; VATTIMO, Gianni (Org). *El pensamiento débil*. Madrid: Cátedra, 1990

¹ Michel Foucault, em “Prefácio à transgressão”, ao falar da glorificação daquilo que é excluído, diz que a transgressão é um gesto relativo ao limite: “é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível” (FOUCAULT, 2006, p. 37).